

Michael Burawoy e a epistemologia marxista: nota de apresentação

ARTHUR SALOMÃO*

O debate em torno do estatuto científico do marxismo permanece vivo. Desde que Engels se propôs a sistematizar, difundir e desenvolver o legado de Marx, a relação entre o materialismo histórico e a produção de conhecimento científico tem alimentado inúmeras controvérsias, seja entre marxistas e seus detratores, seja entre as diversas perspectivas teóricas que compõem a linhagem do socialismo científico. A contenda com a ciência positivista – que persiste na mesma medida em que os antimarxistas proclamam a morte da teoria materialista – é previsível. O clássico panfleto escrito por Lenin acerca das três fontes constitutivas do marxismo adverte, logo de saída, que o materialismo histórico desperta hostilidade e repulsa por parte de toda a ciência burguesa, que o acusa de “visão de mundo”, justamente porque ele desvela e combate as condições materiais que fundamentam a suposta imparcialidade do campo científico. Entretanto, mesmo no interior do marxismo, diferentes correntes teóricas oferecem respostas distintas e divergentes para a cientificidade da teoria marxista. Há tradições que falam em filosofia da práxis, em crítica da sociedade capitalista, em ciência da sociedade ou mesmo em verdadeira consciência da classe operária.

O tema é polêmico, mas há quem caminhe com habilidade, competência e propriedade neste terreno escorregadio. Este é o caso de Michael Burawoy (1947-2025), sociólogo marxista e professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, durante 47 anos. A tradução de seu texto *Marxismo como Ciência: desafios históricos e desenvolvimento teórico*, escrito em 1990, inédita em língua portuguesa, apresenta dupla motivação. A primeira delas é a possibilidade de prestar uma singela homenagem a um intelectual socialista de inquestionável envergadura. Infelizmente, como é de conhecimento público, Burawoy faleceu em fevereiro de

* Doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Membro do comitê editorial da *Crítica Marxista*. E-mail: amsalomao@outlook.com

2025, de forma prematura e trágica, deixando um robusto legado a ser explorado. Embora duas de suas obras traduzidas para o português tenham sido resenhadas em edições anteriores de nosso periódico¹, este é o primeiro artigo de Burawoy que publicamos, um lapso que agora corrigimos.

Comprometido com a defesa da teoria marxista mesmo nos períodos em que proliferavam os anúncios fúnebres do marxismo, como ocorreu após a dissolução da União Soviética e a consolidação da hegemonia neoliberal, Burawoy jamais abandonou seu projeto de revitalização do materialismo histórico e lutou firmemente em prol da revolução socialista. Ao longo de sua trajetória intelectual, Burawoy tornou-se conhecido pela frutífera articulação entre pesquisa sociológica rigorosa e compromisso com formação política e militância socialista, algo que poucos logram conquistar, mesmo entre aqueles guiados pela *práxis*. Nesta última seara de contribuição intelectual, destacou-se por sua intervenção pública e verdadeiramente internacionalista em defesa de uma sociologia engajada com a crítica social e em diálogo com um público mais amplo e externo à comunidade acadêmica, voltada, muitas das vezes, exclusivamente para o debate entre pares. Alguns dos momentos mais relevantes de sua empreitada em favor de uma sociologia pública ocorreram durante os períodos em que presidiu a Associação Americana de Sociologia (ASA) e a Associação Internacional de Sociologia (ISA).

No debate metodológico das ciências sociais, Burawoy obteve reconhecimento pela combinação da teoria marxista com os estudos etnográficos, o que resultou na formulação de um método inovador. O “estudo de caso ampliado”, como ficou conhecido em solo brasileiro, constitui uma investida científica cujo objetivo principal é identificar como o universal e geral se manifestam no particular e concreto, preocupando-se, simultaneamente, com os microfundamentos da estrutura social e com os macrofundamentos da ação microssocial. Nessa estratégia de pesquisa como ciência reflexiva, mantém-se a observação participante, praticada por meio de um longo período de imersão no espaço analisado, mas o referencial marxista desempenha o papel de orientá-la teoricamente, evitando desvios empiristas. A inspiração etnográfica decorre tanto da influência da antropologia social britânica em sua formação quanto de sua polêmica com a Escola de Chicago, criticada por seu caráter excessivamente microprocessual e por eliminar balizas teóricas prévias. Ainda tão instigante quanto a ferramenta de pesquisa em si são os contextos que possibilitaram sua criação: suas observações de campo como operário em uma mina de cobre na Zâmbia, em uma oficina de motores nos Estados Unidos, em uma siderúrgica na Hungria e em uma fábrica de móveis na União Soviética.

Embora as contribuições da obra de Michael Burawoy sejam vastas e multifacetadas, o objeto desta introdução recai sobre sua sofisticada reflexão acerca dos

1 Referimo-nos às resenhas das obras *O marxismo encontra Bourdieu*, elaborada por Vivian Sabóia para o n. 33, em 2011, e *Marxismo sociológico*, realizada por Paula Marcelino para o n. 44, em 2017.

pressupostos científicos e da epistemologia marxista, tema que o acompanhou por mais de quatro décadas. Um ano antes da publicação do texto aqui apresentado, seu interesse por filosofia da ciência e pelos programas de pesquisa já o havia estimulado a escrever o célebre *Skocpol vs. Trotsky: two methods in search of Science*, impresso na revista *Theory and society* e posteriormente traduzido para o português². Nesse artigo, Burawoy examina as implicações que a aplicação de diferentes métodos de investigação científica a um mesmo objeto de análise acarreta para o ofício sociológico. Para ilustrar as consequências da adoção de distintos métodos – o indutivo e aquele dos programas de pesquisa, desenvolvido pelo filósofo húngaro Imre Lakatos –, o autor compara as análises de Theda Skocpol e de Leon Trotsky sobre a Revolução Russa, exemplares respectivos de cada uma dessas abordagens. Sua conclusão indica que a análise de Trotsky oferece um resultado melhor do que aquela elaborada pela representante estadunidense do indutivismo, pois responde de modo progressivo e inovador a um desafio posto pela Revolução Russa ao programa de pesquisa marxista.

A concepção epistemológica do marxismo como um programa de pesquisa científica teve início, em certa medida, nesse texto de 1989, mas adquiriu maior densidade no ano seguinte, com a publicação de *Marxismo como Ciência*, objeto desta introdução. Nesse sentido, parte significativa de seu legado intelectual em torno da problemática científica do marxismo encontra-se incorporada a esse texto, segunda razão para a publicação desta tradução realizada por Mateus Morretti Gomes de Azevedo. O contexto em que Burawoy argumentou em defesa do rigor e da validade científica do materialismo histórico era adverso e repleto de obstáculos conjunturais, como a situação defensiva do campo socialista com a crise no bloco soviético e a ascensão do neoliberalismo. Poucos anos depois, essa mesma conjuntura também motivou um grupo de intelectuais socialistas brasileiros a fundar a revista *Crítica Marxista*, de modo que estivemos do mesmo lado da luta em defesa do socialismo e da teoria marxista.

Passemos ao conteúdo do artigo. Informado por uma apropriação crítica da metodologia dos programas de pesquisa científica de I. Lakatos, o objetivo de Burawoy é analisar a contribuição do marxismo para a produção de conhecimento e fornecer uma resposta consistente à questão sobre seu estatuto científico. Para tanto, o sociólogo britânico sistematiza os postulados teóricos fundamentais que compõem o núcleo duro do marxismo – tomando como referência o famoso Prefácio à *Contribuição à crítica da economia política* de 1859 – e elabora uma síntese da história da evolução científica do marxismo, a partir das renovações promovidas por V. Lenin, R. Luxemburgo, L. Trotsky, A. Gramsci, entre outros. Sua conclusão aponta que o desenvolvimento do materialismo histórico ocorreu

2 Duas traduções deste texto foram realizadas para o português. A primeira saiu em 1994, no número 40 da revista *Crítica de Ciências Sociais*, vinculada à Universidade de Coimbra. A segunda tradução encontra-se em Burawoy (2014), como o quarto capítulo do livro.

de forma progressiva, assegurando sua cientificidade e mantendo a coerência com o núcleo duro, ao mesmo tempo em que sua tradição teórica se transformou, dando origem a distintas correntes internas. Dessa forma, Burawoy refutou a avaliação do próprio Lakatos, que classificava a teoria marxista como exemplo de programa regressivo.

O texto está dividido em três partes. A primeira é dedicada à discussão das concepções de ciência em disputa à época, especialmente o indutivismo dos empiristas britânicos, o falsificacionismo de K. Popper, os paradigmas científicos de T. Kuhn e a metodologia dos programas de pesquisa científicos de I. Lakatos. Em seguida, Burawoy mobiliza sua apropriação crítica da metodologia de Lakatos para avaliar se o marxismo pode ser considerado um programa de pesquisa progressivo ou degenerativo – é progressivo o programa que logra assimilar as refutações e desenvolver hipóteses auxiliares, enquanto os degenerativos ignoram as refutações ou violam os postulados centrais da teoria que utilizam. Burawoy realiza, então, um exame minucioso da trajetória histórica da tradição marxista enquanto programa de pesquisa, ressaltando a formação, ao longo do tempo, de ramificações internas. Tais correntes teóricas, graças a teses e conceitos inovadores que souberam elaborar, lograram preservar o núcleo duro da teoria marxista sem ignorar os fatos históricos novos e as críticas endereçadas ao legado de Marx e Engels. Por fim, a última parte discute o destino do marxismo como teoria científica após o recuo do programa socialista e o colapso do modelo soviético. A mensagem transmitida é, ao mesmo tempo, crítica e esperançosa.

Diversas observações críticas podem ser dirigidas ao texto de Burawoy. Uma delas é que a ambiciosa operação intelectual de reconstituição da história do marxismo por meio da epistemologia de Lakatos nem sempre se mostra bem-sucedida na demonstração da progressividade científica de certos autores. Além disso, outros teóricos imprescindíveis para a renovação do materialismo histórico são ignorados neste esforço analítico, como Mao Zedong e Louis Althusser. Essas limitações ensejam – com razão – divergências interpretativas da evolução da teoria marxista. Apesar disso, elas não invalidam o esforço pioneiro empreendido por Burawoy. Ao contrário, apenas reforçam a ideia segundo a qual a defesa da cientificidade do marxismo constitui uma tarefa permanente, que requer resistência e enfrentamento por parte das novas gerações de marxistas. Aos herdeiros da linhagem do socialismo científico, Burawoy oferece aportes sólidos à sustentação do caráter científico do marxismo, frente ao positivismo e à ingenuidade do empirismo predominantes no ambiente acadêmico, e contribuições férteis para o desenvolvimento e operacionalização da teoria marxista.

Além de fundamentar a defesa de seu estatuto científico, a abordagem do marxismo como programa de pesquisa revela como os acontecimentos históricos, que desafiam as interpretações correntes e fortalecem novos ramos, podem ser encarados pelos pesquisadores marxistas. Nesse contexto, a referência aos postulados centrais deve orientar o desenvolvimento do programa, mas sem que isso

prejudique a assimilação crítica de fenômenos empiricamente desestabilizadores. Essa observação é especialmente relevante para superar certo ecletismo teórico presente em pesquisas que transitam entre perspectivas distintas sem um emprego consciente de seus pressupostos, assim como para evitar o ensaísmo marcado pelo desprezo às evidências empíricas. Assim, uma pesquisa marxista coerente e consistente deve não apenas instrumentalizar sua teoria, mas também promover seu amadurecimento, ampliando seu alcance empírico e reconstruindo sua base teórica quando for necessário.

Em suma, nas mãos de Burawoy, o marxismo converte-se em um programa de pesquisa não dogmático, empiricamente fundamentado e teoricamente progressivo, cuja tradição resulta de um acúmulo histórico de conhecimento produzido por múltiplas correntes internas que ousaram interpretar o mundo sem deixar de transformá-lo. Sua trajetória intelectual exemplifica como o marxismo pode ser reafirmado como uma teoria social sofisticada e metodologicamente rigorosa, sem renunciar ao compromisso com a transformação da realidade social.

Referências bibliográficas

BURAWOY, M. *Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica*. São Paulo: Editora Alameda, 2014.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Teoria marxista do partido

Michael Löwy

Hegemonia no bloco no poder

Pedro Paulo Zahluth Bastos

Retorno do pensamento mágico

Stefano G. Azzarà

Cartas sobre *O capital*

Pedro Leão da Costa Neto

56